

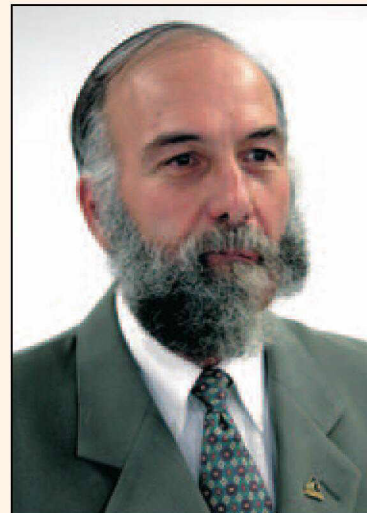
Florestas plantadas e meio ambiente

Para minha alegria, as florestas plantadas estão finalmente sendo reconhecidas como florestas, com alta agregação de tecnologias, tanto visando à produtividade em madeira como à sustentabilidade ambiental. Está sendo enterrada a idéia de que são roças de árvores, algo mais agrícola e menos florestal. Sempre advoguei em diversos artigos e pronunciamentos afirmando que floresta plantada é floresta e como tal deve ser manejada. Por isso, as recentes decisões de mantê-las abrigadas no Ministério do Meio Ambiente, com plena concordância do setor produtivo, até certo ponto consolida minha tese de que é como ecossistema florestal complexo e interdependente que essa rede viva precisa ser manejada, e não como monocultura. Já temos muitos conhecimentos de como fazer bem os plantios de florestas. Aprendemos muito, principalmente na última década. A busca de quase todas as empresas líderes pela certificação florestal, quer seja FSC ou Cerflor, serviu para a evolução de nosso modelo florestal; serviu também para definitivamente integrá-lo a um modelo ambiental e produtivo, com inúmeros benefícios socioeconômicos. Bonito isso tudo, pois, dessa forma, estaremos cada vez mais nos aproximando do desenvolvimento sustentável, ou da sustentabilidade, como queiram chamar.

Florestas plantadas necessitam de uma forte base econômica, pois são plantadas para oferecerem produtos a fins comerciais e industriais. Os plantadores precisam ter retornos econômicos dos investimentos feitos nos plantios, no manejo e nos tratamentos culturais. Também precisam ganhar

o suficiente para poderem investir mais no aperfeiçoamento do meio ambiente, como nas áreas de conservação, reserva legal, proteção de mananciais, biodiversidade, etc. Ao mesmo tempo, as florestas plantadas precisam preencher inúmeros papéis ambientais e sociais. Não foi uma viagem tranquila essa que fizemos para chegar ao ponto em que estamos hoje. Os beneficiados do manejo florestal sustentável são a comunidade, o ambiente e o investidor. Quanto maior a integração entre essas partes interessadas, melhor fica o modelo, que no dia-a-dia vai sendo aperfeiçoado para render benefícios a todos. Não tenho dúvidas de que cabe à indústria de base florestal o papel de fomentador e facilitador do diálogo para esse entendimento. Afinal, é o setor produtivo o maior interessado nas plantações para obter suas matérias-primas.

Passos importantes têm sido dados, mas ainda falta muito caminho a ser trilhado. Aprendemos, nos últimos anos, a repartir mais nossas tecnologias florestais e nossos genomas melhorados com os fazendeiros florestais e com o produtor rural que quase não tinha acesso a essas tecnologias; aprendemos também a dialogar melhor com os órgãos públicos responsáveis pela qualidade ambiental. Temos tido mais diálogo com as entidades ambientalistas, em muitos debates e audiências, que têm servido para esclarecer diversos temas da questão sócio-ambiental. Tudo isso precisa ser ainda mais praticado. Devemos agir para que isso aconteça rápido, sob a liderança de nossas entidades florestais da classe produtiva.



Por Celso Foelkel

Vice-presidente da ABTCP e consultor da Grau Celsius/Celsius Degree
www.celso-foelkel.com.br
 email: celso@abtcp.org.br

www.celso-foelkel.com.br/artigos6.html

Temos tido um momento de grande envolvimento da sociedade nas questões das florestas plantadas, devido à popularização do termo “apagão florestal” e de suas consequências. Recomendo que saibamos ser prudentes, transparentes e honestos em nossas colocações para a sociedade. Não devemos exagerar nas vantagens das florestas plantadas. Precisamos abrir um diálogo técnico e com muitas argumentações, explicando tanto as vantagens quanto as desvantagens. Como uma aglomeração de seres vivos que exigem água e nutrientes, as florestas plantadas têm impacto ambiental; não há dúvidas sobre isso. Tenho visto com preocupação muitos eminentes cientistas e técnicos querendo fazer migrar a imagem das florestas plantadas de uma posição inadequada de

vilãs para a posição também inadequada de semideusas. É certo que existem sempre situações e situações, e a verdade sempre está entre os pontos extremos. Temos impactos positivos e negativos com as plantações. Devemos buscar minimizar os efeitos negativos e maximizar os positivos. Já sabemos como fazer muito disso. Quando pessoas do setor afirmam que as florestas plantadas de eucaliptos ou de pinus não secam e não empobrecem o solo, que não afetam a biodiversidade e tampouco a fauna, podemos criar ilusões que eventualmente se transformarão em decepções e frustrações para quem acreditar nisso. Qualquer cultura ou criação intensiva tem impacto no meio ambiente – inclusive nós, humanos: quando nos concentramos, somos muito impactantes. Isso é inevitável. Os nutrientes extraídos pela madeira colhida estão sendo retirados do sistema. Mesmo que as florestas depositem uma serapilheira rica em carbono e nutrientes, não há como evitar: o que sai com a madeira precisa ser reposto para que o solo não se empobreça ao longo de diversos ciclos. A adubação e a ciclagem dos nutrientes são parte da tecnologia a contar à sociedade. Sem fazê-las, o solo se empobrecerá, pois nutrientes não são auto-gerados no sistema do solo florestal. Tem-se também tentado provar que as plantações não secam nascentes de água. Ora, as florestas em crescimento estão em plena vegetação e demandam muita água. Se plantarmos mal as florestas, sem respeitar os códigos florestais nem deixar as requeridas distâncias das nascentes de água, poderemos causar impactos negativos. Com a tecnologia que temos, podemos inclusive plantar as árvores de forma a reter mais a água da chuva no solo e fazer uma alimentação mais constante da água aos lençóis freáticos. Podemos evitar que a água da chuva escoe na forma de enxurradas caudalosas e fuja do nosso ecossistema florestal. Podemos, ainda, manejar as florestas plantadas e integrá-las com as matas e os fragmentos de matas

nativas, dando excelentes oportunidades para o alojamento e o trânsito da fauna.

Em resumo, nós já conhecemos tecnologias para minimizar os efeitos negativos das florestas plantadas no solo, cursos d'água, biodiversidade, etc. Só temos de transferir adequadamente esse conhecimento para os que hoje querem plantar florestas. Como há grande desconhecimento dessas tecnologias entre os homens do campo e produtores rurais, a solução, mais uma vez, está nas mãos do setor econômico. Detendo essas tecnologias, é importante que haja mobilização para explicar como planejar e como plantar bem. Sugiro até mesmo que se façam os planejamentos técnico-ambientais para todos os fomentados e mesmo não-fomentados que queiram plantar florestas para os mais diversos fins. Sugiro que se abandone essa postura de querer mitificar o eucalipto ou o pinus, tentando transformá-los em super-heróis e se parta para uma real educação e transferência de conhecimentos a quem vai precisar deles. Criem cursos volantes, criem dias de campo, ensinem zoneamento agroflorestal e ecológico, montem um website na internet para transferência de *know-how*, etc. Mas, por favor, falem claramente, mostrem as vantagens e as desvantagens também. Sempre temos dois lados nas balanças. O importante é que todos aprendam como buscar a eficiência. Veja-se um exemplo muito simples a amedrontar nossos fazendeiros rurais que querem plantar eucaliptos: a necessidade de gastar fortunas no futuro para rebaixar os tocos altos após colheitas de diversas rotações. Eles se preocupam com isso, pois a sabedoria popular diz que o solo terá a aptidão agrícola prejudicada devido a esses tocos. Muitas vezes, é isso o que querem dizer ao argumentarem que o eucalipto estraga o solo. Isso, porém, tem solução tão simples! Basta ensiná-los a cortar as árvores bem rentes ao solo na colheita, deixando no

máximo entre 10 e 15 centímetros de altura de toco, para que daquela casca possam brotar gemas que darão novos indivíduos. Se o machadeiro ou motosserrista não souber fazer assim, arranjem outro, porque senão os tocos ficarão verdadeiros cocurutos na propriedade. Quando isso ocorre, a solução cara é o destocamento, coisa aterrorizante para o fazendeiro.

Devemos nos preocupar em transferir também essas coisas simples e fáceis de explicar. Só temos que saber e ensinar a melhor forma de plantar as florestas para que os efeitos ambientais sejam otimizados. Na propriedade rural, isso pode ainda ser favorecido pela possibilidade de mesclar as florestas plantadas com outras atividades agrícolas e zootécnicas. Com isso, cria-se um mosaico produtivo e ambientalmente saudável, onde as matas remanescentes preservadas se entrelaçam às atividades produtivas. Reforça-se a necessidade de um bom planejamento antes dos plantios florestais.

Finalmente, recomendo um esclarecimento ao proprietário rural: como ele pode transformar suas matas nativas ainda ricas em perobas, ipês, imbuías, araucárias e alguma fauna em Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Depois disso, recomendo às empresas privadas que adotem ou façam parcerias para a manutenção e o manejo dessas RPPNs, de forma a beneficiar a sociedade, não apenas pela conservação do patrimônio natural, mas pelas oportunidades de ensino, pesquisa, ecoturismo, etc.

Percebam, amigos, que já fizemos tanto, mas ainda falta muito a ser feito. Como grande parte do que falta está na linha do diálogo, parcerias, educação e ensino, nada melhor do que fazer isso de forma coletiva, com campanhas, integração de empresas, associações de classe, universidades, ONGs e órgãos públicos. Melhoraremos o ambiente, a imagem e a aceitação das florestas plantadas. Melhor: caminharemos mais depressa em direção à sustentabilidade florestal. 